

Estratégias de pesca de espinhel pelágico e capturas incidentais de tartarugas marinhas, implicações para conservação

Bruno de B Giffoni¹; Mariana de K e Britto¹; Luiz R M de Leão¹; Nilamon de O L Junior²; Flávio T Szablak²

¹Fundação Pró-Tamar (bruno@tamar.org.br)

²Centro Tamar ICMBio

Um dos maiores desafios para a conservação de tartarugas marinhas é dimensionar e reduzir as capturas incidentais na pesca. Entre as diferentes modalidades de pesca que interagem com esses animais, o espinhel pelágico tem sido uma das mais estudadas. Para que ocorra a captura de tartarugas em qualquer pescaria é necessário que um conjunto de quatro condições ocorra simultaneamente; 1) sobreposição horizontal entre a área de pesca e a área de uso das tartarugas, 2) sobreposição vertical entre a profundidade de atuação do aparelho de pesca e a profundidade de navegação das tartarugas, 3) sobreposição temporal entre a época de pesca e a época em que a tartaruga está presente naquele local, 4) capacidade do petrecho de pesca para capturar a tartaruga. Os fatores que influenciam essas condições (tipo e tamanho do anzol, iscas utilizadas, etc), por sua vez, são escolhidos pelos mestres de pesca para otimizar as capturas das diferentes espécies-alvo. Sendo assim, o conjunto desses fatores pode ser entendido como a estratégia de pesca adotada, a qual varia em função da espécie-alvo ou grupos de espécies-alvo que se deseja capturar. Porém, a alteração da estratégia de pesca para capturar cada uma dessas espécies pode afetar também a composição específica e etária das tartarugas marinhas capturadas incidentalmente. A partir dos dados existentes no Sistema de Informações do Projeto Tamar, utilizamos o teste U de Mann-Whitney para comparar as CPUEs (nº de tartarugas capturadas a cada 1000 anzóis) obtidas para cada espécie de tartaruga na frota de espinhel pelágico Tipo Itaipava direcionada para a meca (*Xiphias gladius*) (EIM), com aquelas obtidas na frota de espinhel pelágico Tipo Itaipava direcionada a capturar o dourado (*Coriphaena hippurus*) (EID). Foram monitorados 33 cruzeiros de pesca, representando um esforço de 221.103 anzóis (EIM = 126.688 e EID = 94.415). 92 tartarugas foram capturadas (EID = 68; EIM = 24). Em relação a composição específica o EID interagiu com quatro espécies (*C. caretta* = 38, *D. coriacea* = 16, *C. mydas* = 10 e *L. olivacea* = 4) enquanto o EIM capturou apenas duas espécies (*C. caretta* = 4 e *D. coriacea* = 20). Para a tartaruga-de-couro (*D. coriacea*) não houve diferença significativa entre as CPUEs (EID = 0,1695, EIM = 0,1579 ($p < 0,441617$)). Já para a tartaruga cabeçuda (*C. caretta*) a CPUE no EID (0,4025) foi significativamente maior que a do EIM (0,0316) ($p < 0,000001$). Além de espécies-alvo diferentes, essas pescarias também diferem em relação ao tipo de anzol, áreas e períodos de pesca, configuração da linha madre e linha secundária. Embora tenham essas diferenças, no âmbito da gestão e do ordenamento pesqueiro, ambas as pescarias são entendidas como uma única unidade de gestão, como se fossem homogêneas quanto a seus efeitos sobre a biota. Os resultados obtidos nesse trabalho demonstraram o contrário, por isso sugerimos que EIM e EID devam ser tratadas como distintas unidades de gestão em relação às capturas incidentais de tartarugas marinhas. Isso permitirá entender melhor porque algumas espécies de tartarugas são mais suscetíveis a capturas do que outras.

PALAVRAS CHAVE: GESTÃO PESQUEIRA, ORDENAMENTO PESQUEIRO, ESPINHEL PELÁGICO